

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM UMA FAMÍLIA DE BRASILEIROS NIPODESCENDENTES

VINICIUS BORGES DE ALMEIDA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – vinibalmeida@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de discutir algumas políticas linguísticas adotadas por uma família nipodescendentes. Será organizado desta forma: o aporte teórico sobre Políticas Linguísticas e Bilinguismo no qual a investigação se baseia; a metodologia de pesquisa; e, por fim, uma proposta de análise dos dados obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas com a família.

Todo gesto político envolve decisões, tenham elas impacto em apenas um grupo de indivíduos (uma família, um bairro, uma comunidade) ou em toda uma nação através de diretrizes, decretos ou leis. Em relação às Políticas Linguísticas, Rajagopalan (2013) evidencia que se trata de uma área multidisciplinar que, dado seu teor subjetivo, se assemelha à Sociologia, à Antropologia, à Política e aos Estudos Culturais e, às vezes, mais a elas do que à própria Linguística.

Spolsky (2016) defende que a palavra-chave quando se trata Políticas Linguísticas é escolhas. O autor lança mão do conceito de domínios linguísticos, ou seja, quem são os participantes em dado contexto e onde se localizam e quais os tópicos de discussão. Todos esses aspectos fazem com que os usuários de uma língua optem por determinadas posturas, seja no nível lexical como também pragmático. Tais diferenças nos domínios, que podem ser tácitas ou explícitas, geram escolhas e, portanto, podem ser consideradas uma política linguística individual.

Nas palavras de Calvet (2007), Política Linguística envolve um conjunto de escolhas, tácitas ou explícitas, referentes às relações entre língua(s) e vida social, e Planejamento Linguístico refere-se à implementação na prática de uma política linguística previamente estabelecida. Ainda segundo o autor, quaisquer grupos podem organizar e estruturar uma política linguística – pode ser uma comunidade, um grupo ou uma família –, mas seria sobretudo o Estado o responsável de passar do estágio de planejar ao de pôr em prática tais escolhas linguísticas.

Uma vez que o tema Políticas Linguísticas fica em evidência em contextos onde há duas ou mais línguas, é preciso considerar o conceito de Bilinguismo (ou Multilinguismo). Constitui-se, segundo Mozzillo (2001), no uso alternado de duas ou mais línguas por parte de um mesmo indivíduo.

Esse conceito engloba um arcabouço muito diverso de falantes que têm características próprias e que se utilizam das línguas em situações específicas, por exemplo: monolíngues (dispõem exclusivamente de uma língua), bilíngues passivos (compreendem duas ou mais línguas, mas são capazes de produzir apenas em uma), equilíngues (que têm duas ou mais línguas maternas), entre outros. Por isso, esse fenômeno é observado em todas as classes sociais, em todas as faixas etárias e em todos os países, até naqueles em que se crê haver uma cultura homogênea e monolíngue.

Sobre Políticas Linguísticas e Bilinguismo em contextos familiares, Souza (2015) contribui com a discussão a partir de entrevistas com mulheres brasileiras residentes em Londres. A autora analisou algumas políticas linguísticas adotadas

dentro do contexto familiar e percebeu que havia padrões diversos (uso exclusivo do português com os filhos, uso do português concomitante ao inglês, uso exclusivo do inglês) conforme as ideologias e concepções que as mães tinham sobre o Bilinguismo. Na sua investigação, a pesquisadora repara que a ideia predominante dos britânicos de se utilizar apenas a língua inglesa no Reino Unido interfere diretamente na tomada de decisões de famílias imigrantes. Além dessa pressão social, há famílias que deixam de transmitir o português em razão de mitos envolvendo o Bilinguismo infantil.

Esses mitos, como observa Mozzillo (2015), são equivocados e não apresentam base científica. Por exemplo: crianças devem aprender uma língua bem e só depois a outra; falar mais de um idioma em casa pode causar confusão mental na criança ou pode prejudicá-la em período escolar. Embora já mostrado por De Houwer (2006) que a criança seja capaz desde tenra idade de acessar a melhor língua em dada situação comunicacional, essa crença ainda é muito presente, o que pode levar pais e professores a optarem pelo monolinguismo.

Para complementar essa discussão, o presente trabalho tem por objetivo analisar posturas e práticas de uma família de nipodescendentes. Alguns dos dados discutidos já foram publicados em artigo na revista *Hon no Mushi* (本の虫) da Universidade Federal do Amazonas.¹

2. METODOLOGIA

A presente investigação está baseada nos princípios da pesquisa qualitativa definidos em Erickson (1985).

A família selecionada para a pesquisa é composta por cinco membros, mas, em razão da limitação do espaço, apenas dados da mãe, do pai e da filha mais velha serão discutidos. Abaixo, as informações sobre eles:

O pai, de 46 anos, é natural de Belém/PA e é *nissei* (filho de imigrantes). Mudou-se para o Japão na adolescência para trabalhar, tendo retornado ao Brasil por duas vezes também por motivos de trabalho.

A mãe, de 38 anos, também é natural de Belém/PA e é *sansei* (neta de imigrantes). Viveu no Japão alguns meses da infância, mas retornou ao Brasil, onde passou a maior parte da adolescência. No fim dos anos 1990, voltou ao Japão, onde conheceu o marido com quem teve três filhos.

O casal decidiu vir ao Brasil para ter a filha mais velha, mas logo em seguida regressou ao Japão. Ela, atualmente com 20 anos, cresceu no Japão e lá estudou até o quarto ano.

Para obter os dados, adaptamos o questionário de Pupp Spinassé e Mozzillo (2021), pois sua pesquisa traz discussões interessantes sobre ideologias e crenças que motivam certas decisões familiares a fim de estimular o bilinguismo ou o monolinguismo.

Houve duas entrevistas, tendo sido a primeira delas presencialmente em 2019 com a mãe e os três filhos. Na segunda entrevista, realizada em 2021 com os cinco membros da família a partir de conferência em plataforma online, o pai, a mãe e a filha mais nova estavam morando no Japão enquanto a filha mais velha e o filho do meio, no Brasil. A análise das entrevistas é de caráter interpretativo (ERICKSON, 1991) através de exame de duas vinhetas narrativas concretas dos próprios informantes. A seguinte legenda será utilizada: E para o entrevistador; P para o pai; M para a mãe; F1 para a filha mais velha.

¹ Ver Almeida e Mozzillo (2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro trecho, coletado durante a primeira entrevista, será a resposta de M e F1 à questão: havia mais de uma língua na tua casa durante a tua infância? Quais? Por quê?

E: [...] Mas como tu, enfim, muito criança lá, na escola lá... em casa, que língua vocês falavam entre vocês?

F1: Japonês com P...

M: E português, porque o nosso medo era deles não aprenderem a língua. Ela sempre teve muita facilidade de falar os dois. Ela não esqueceu nunca.

E: Entendi. Ela sabia com quem falar o quê.

M: É.[...] Porque lá quando entra... toda série que entra, primeiro, segundo, terceiro... o professor da turma vai conhecer a família de cada aluno... e eu não era fluente. [...] Ela fazia a tradução... ela pequena. E aí o professor perguntava e eu não entendia... “F1, o que que ele tá falando?” Aí ela traduzia pra mim e traduzia pro professor, isso ela pequena. O P sempre trabalhava, né? Então eu tinha que me virar... e, quando ela cresceu, ela me ajudava. Chegou aqui no Brasil, a mesma coisa. Ela não esqueceu o japonês.

E: Então é um histórico bem diverso a família de vocês. [...] Tu (para F1) me relataste que falavas japonês com o teu pai mesmo ele sendo brasileiro.

F1: É.

E: E isso sempre foi assim? Nunca ele disse “Fala português comigo” ou alguma coisa do tipo?

F1: Não, era natural...

M: É que meu marido, por mais que tenha nascido aqui no Brasil, os pais, vô, vó, tudo sendo japonês, ele foi criado nesse ambiente. Eu que falava: “Não, como é em português?” A minha família toda só fala português, então meu maior medo é eles virem e não falar com a minha família.

Nessa passagem, há o relato das diferenças em relação ao uso do português e do japonês dentro de casa. M exigia que as duas línguas fossem usadas, o que favoreceu um ambiente bilíngue sem que uma língua se sobrepusesse à outra. F1, sendo equilíngue, isto é, desempenhando-se como nativa nas duas línguas, desde tenra idade funcionava como uma mediadora na comunicação entre sua mãe e seus professores.

O trecho seguinte, coletado durante a segunda entrevista, corresponde à mesma questão, mas sob a perspectiva de P:

P: Em casa, assim, dentro de casa, sempre, desde o início, sempre quis falar o português, nunca quis introduzir o japonês, a gente estando aqui. Pelo fato de, lá fora, já utilizar bastante o japonês. Então, desde o início, desde a época da F1, já era desse jeito. Então hoje a gente vai manter e eu não pretendo mudar. Se a gente acaba utilizando só uma língua, a gente acaba esquecendo a outra. Então a gente tava perdendo. E, na verdade, a gente tem que acrescentar, né?

E: Entendi. M, quando tu engravidou da F1, vocês, enquanto casal, conversaram desse assunto? Foi alguma coisa explícita ou foi acontecendo?

M: É... foi acontecendo, né? Ou a gente chegou a conversar?

P: Eu cheguei a falar pra você.

M: É, foi... falou. Já faz muito tempo, né? Eu não lembro mais. Mas então foi, né? Conversado.

A partir do que foi exposto, percebemos que há uma contradição entre o relato de F1 sobre o uso de japonês com P, pois este, compreendendo que

compreende que por estarem no Japão, inevitavelmente os filhos teriam contato com o japonês e, a fim de que não houvesse o apagamento do português, esta seria a língua escolhida para as interações dentro de casa. Além disso, essa decisão foi tomada de maneira explícita, embora isso tenha ficado mais perceptível para P do que para M.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho buscou discutir algumas Políticas Linguísticas em uma família de brasileiros nipodescendentes. Foi possível perceber uma atitude positiva com o espaço do português e japonês no ambiente familiar, tendo em vista a forte ligação mantida com o Japão e com o Brasil. A partir de um planejamento linguístico, eles colocaram em prática a política explícita (a conversa antes de F1 nascer) de utilizar o português mesmo enquanto residissem no Japão. Os dados indicaram um histórico linguístico bem diverso para cada membro da família, destacando-se F1 que, por se desempenhar como nativa nas duas línguas, acabou se tornando intérprete de M desde pequena.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. B.; MOZZILLO, I. Ideologias, políticas familiares e bilinguismo: estudo de caso de uma família de descendentes de japoneses em Pelotas, Rio Grande do Sul. **Hon No Mushi - Estudos Multidisciplinares Japoneses** - Coletânea em Linguística Japonesa, v. 5, p. 103-117, 2020.

CALVET, L-J. Nas origens da política linguística. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

DE HOUWER, A. Two or more languages in early childhood: some general points and some practical recommendations. **AILA News**. (The twice-yearly newsletter of the Association Internationale de Linguistique Appliquée) Vol. 1, Nº. 1, 1998.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. C. (org.) **Handbook of research on teaching**. New York: Macmillan, p. 119-161, 1985.

_____. Advantages and disadvantages of qualitative research design on foreign language research. In: FREED, B. **Foreign Language Acquisition Research and the Classroom**. Lexington: D.C. Heath and Company, p. 338-353, 1991.

MOZZILLO, I. A conversação bilíngüe dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira**. Pelotas: Educat, p. 287-324, 2001.

_____. Algumas considerações sobre o bilinguismo infantil. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 147-157, 2015.

PUPP SPINASSÉ, K; MOZZILLO, I. Famílias em situação plurilíngue: ideologias linguísticas. **Gragoatá**, v. 26, n. 54, p. 294-325, jan.-abr. 2021.

RAJAGOPALAN, K. Política linguística: do que é que se trata afinal? **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

SPOLSKY, B. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. **ReVEL**, v. 14, n. 26, p. 32-44, 2016.

SOUZA, A. Motherhood in migration: A focus on family language planning. **Women's Studies International Forum** 52, p. 92–98, 2015.